

## **Somos Todos Olímpicos: simbolismos e conflitos rumo aos Jogos Rio 2016<sup>1</sup>**

Lucas Rodrigues FÉLIX<sup>2</sup>

Diogo Cavalcante COUTO<sup>3</sup>

Mirian Moema Filgueira PINHEIRO<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Faculdade Maurício de Nassau, Recife, PE

### **RESUMO**

A cada 4 anos, bilhões de pessoas ao redor do planeta param todas as suas atividades para acompanhar as competições dos Jogos Olímpicos de Verão. No Brasil, os telespectadores geralmente seguem o evento por uma mesma voz e no mesmo canal: na Globo, com narração de Galvão Bueno. Mas a emissora é colocada em um conflito moral ao ser parceira comercial de uma competição da qual fará a cobertura jornalística. O objetivo deste artigo é discorrer sobre a possibilidade de lidar com interesses teoricamente contraditórios e ainda assim informar o público de maneira correta e ética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comitê Olímpico Internacional; Olimpíadas; tocha olímpica; TV Globo

### **Introdução**

Dentro do contexto olímpico, apesar de constantes práticas inovadoras visando a renovação do público, um dos principais trunfos da organização do evento é a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Aluno líder, estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na UFRN, e-mail: falecomlucasfelix@gmail.com

<sup>3</sup> Aluno participante, estudante do 4º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Maurício de Nassau, email: diogocavalcantecouto@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da UFRN, e-mail: moemapinheiro@uol.com.br

manutenção de tradições que se sobrepõem diante dos interesses de momento, seja de determinadas federações ou de países-sede.

Hoje, o revezamento da tocha olímpica pode se considerar entre esses alicerces, sendo alvo de um intenso acompanhamento da mídia por todo o seu percurso.

Não foi diferente com a chegada da chama ao Brasil, seguida de forma pomposa pela TV Globo, uma das detentoras dos direitos de transmissão dos Jogos do Rio de Janeiro.

O presente artigo discorrerá sobre o histórico de cobertura da Olimpíada pela emissora, desde as suas primeiras transmissões até os mais recentes eventos, discorrendo sobre a adição de simbolismos próprios da exibição brasileira, como a associação do narrador Galvão Bueno aos eventos de maior destaque.

Busca-se ainda uma visão sobre a conflitante situação em que a Globo é colocada, sendo simultaneamente parte interessada no lucro do torneio e uma das maiores fontes de informação dos brasileiros sobre o evento.

### **A chama que aquece o mundo**

A tradição da tocha olímpica remete aos tempos da Antiguidade, especialmente sobre a lenda de que Prometeus teria roubado o fogo de Zeus e o cedido aos mortais. O elemento, considerado divino, ficava aceso durante a realização da Olimpíada.

Ele tem em sua simbologia atual a representação da eternidade, estabelecendo um elo da origem dos Jogos com a contemporaneidade e aproximando a base grega com as cidades-sede.

Entretanto, não foi com o início dos Jogos na Modernidade em 1896, em Atenas, que a tocha e a chama foram novamente introduzidas aos meandros olímpicos. A ideia de acender uma pira só viria em 1928, na edição realizada em Amsterdã, pensada pelo arquiteto Jan Wils, que colocou uma torre no projeto do estádio olímpico, sugerindo que fosse acesa uma chama em seu topo.

Na ocasião, o barão Pierre de Coubertin, criador das Olimpíadas como atualmente a conhecemos, declarou torcer para que a tocha “siga seu curso através dos tempos para o bem da humanidade cada vez mais ardente, corajosa e pura”.

Na disputa em Berlim, no ano de 1936, houve o primeiro revezamento da tocha. Acesa em Olímpia, como ocorre até a atualidade, ela percorreu um longo trajeto até chegar à pira da capital alemã, no momento considerado por Colli (2004) como “ponto alto da perfeita cerimônia” bancada pelo regime nazista.

Estima-se que mais de três mil pessoas tenham participado dessa maratona, reconhecida e incorporada pela valorização da tradição somente em 1948.

A chama, pela sua simbologia, precisa ser pura, não sendo acesa por meios comuns. Para tanto, é realizada uma grande cerimônia na frente das ruínas do templo de Hera. Mulheres vestidas com trajes gregos colocam espelhos côncavos, que refletem o raio solar para a tocha, sendo assim acesa por um fogo considerado purificado.

Para que a chama original com essa pureza não se perca durante o traslado de Olímpia até a cidade-sede, usam-se lanternas que guardam este fogo especial. Assim, possíveis acidentes de percurso, como tochas que se apagam no caminho, são prontamente resolvidos. Além disso, durante a corrida, há a presença de no mínimo quatro reservas para evitar intempéries.

Quando chega à cidade-sede, há todo um suspense sobre quem irá acender a pira olímpica e como o procedimento ocorrerá.

Em 1992, em Barcelona, um dos momentos icônicos: a pira foi acesa por Antonio Rebollo, atleta paralímpico. O homem atirou a chama por meio de um arco. Não acertou exatamente seu alvo, como depois mostraram imagens de fora do estádio, mas um dispositivo eletrônico tratou de acender a pira.

Já em Pequim, nos Jogos de 2008, o ginasta Li Ning também surpreendeu o público ao fazer a volta olímpica e acender a pira suspenso por cabos de aço instalados no estádio Ninho do Pássaro.

Para a cerimônia que o Maracanã receberá no próximo dia 5 de agosto, persiste o mistério de quem serão os últimos dentre os mais de 12 mil condutores agraciados com a honraria de levar a chama olímpica.

Uma das poucas certezas sobre esse evento é que ele contará exibição ao vivo e fartas reprises na grade de programação da TV Globo, exibidora e parceira comercial da Olimpíada do Rio de Janeiro.

### **Globo e Olimpíada, tudo a ver**

A TV Globo se notabiliza como uma parceira histórica do Comitê Olímpico Internacional (COI) para a transmissão dos Jogos Olímpicos. Fundada em 1965, a emissora já transmitia a Olimpíada de Munique somente sete anos depois da sua criação, após ter transmitido também a Copa de 1970.

A opção por exibir megaeventos foi uma estratégia da rede para aumentar a sua popularidade em território nacional de forma rápida, aproveitando-se da dimensão desse tipo de competição e seguindo o padrão estrangeiro, especialmente norte-americano, que a influenciou por anos, graças ao acordo com a Time-Life.

Em síntese, megaeventos apresentam grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã. (HALL, 2006, p. 59)

No primeiro importante momento mundial em solo alemão desde a Segunda Grande Guerra, algumas das provas foram exibidas ao vivo, no que foi definido por Myriam de Lamare, jornalista integrante da equipe que coordenou a cobertura no Brasil, como o instante em que o “esporte começou a ser pensado como um produto que poderia atrair o investimento das grandes empresas na área de publicidade”.

O número de transmissões, porém, era diminuto. Na época, a geração do sinal internacional ficava sob o comando de uma emissora do país-sede, assim enfocando basicamente os atletas da casa.

A partir dos Jogos de Moscou, em 1980, a emissora começou a fazer coberturas mais grandiosas, contando com o envio de grandes equipes ao país-sede. Na ocasião, os direitos de transmissão foram compartilhados com a TV Cultura.

Foi dessa edição em diante que o canal iniciou a cobrir aspectos mais amplos dos Jogos, motivado pelo boicote de dezenas de países para as competições na então União Soviética. Repórteres de outras editorias também foram deslocados para acompanhar o modo de vida dos soviéticos.

Em 1984, na disputa em Los Angeles, a grandiosidade foi ainda maior. A TV Globo contou pela primeira vez com um satélite exclusivo, que lhe possibilitou a transmissão de seis horas diárias de eventos. Essa foi a primeira Olimpíada coberta in loco por Galvão Bueno, que também fazia entradas no *Jornal Nacional* comentando sobre os mais importantes resultados. Na época, porém, o principal locutor do canal era Osmar Santos.

Nos Jogos de Seul, em 1988, os direitos voltaram a ser compartilhados com outros canais, o que causou uma retração da cobertura global, já que Band, Manchete e SBT também transmitiam os eventos.

Já para a Olimpíada de Barcelona, em 1992, quando retornou a ter transmissão exclusiva, o destaque foi o envio de correspondentes para a Espanha desde o começo do ano, acompanhando os preparativos para o evento.

A competição de 1996 em Atlanta foi a primeira feita também pelo canal por assinatura SporTV, o que não reduziu os investimentos na televisão aberta. Galvão Bueno, já com o status de narrador global número um, fez a cerimônia de abertura ao lado de Fátima Bernardes, em um modelo que Oliveira (2015) classifica como herdeiro dos tempos em que o rádio era o principal veículo de comunicação do país.

O estilo adotado pela emissora carrega algumas características herdadas desde as transmissões radiofônicas, como a busca pela emoção do torcedor. Diante disso, um narrador em especial é reconhecido pela emoção que dá aos jogos, muitas vezes exagerada, como é o caso de Galvão Bueno. (OLIVEIRA, 2015, p. 7)

Em Sidney, na Olimpíada de 2000, o número de horas no ar chegou diariamente a nove. O fuso horário da Austrália colaborou para que fossem feitas transmissões praticamente ininterruptas ao longo de toda a madrugada.

Para os Jogos de Atenas, em 2004, o grande destaque ficou por conta de um evento realizado em solo brasileiro – e antes do começo das competições. Foi quando a tocha olímpica passou pela primeira vez no Brasil. O percurso do fogo sagrado pelas ruas do Rio de Janeiro como parte do revezamento internacional, que de forma inédita percorria os cinco continentes, foi acompanhado em boa parte do tempo ao vivo pela emissora, que mostrou a aglomeração de mais de 1 milhão de pessoas pelas ruas da cidade.

Na Olimpíada de Pequim, em 2008, a rede apostou em replicar o luxo dos anfiteatros, construindo estúdios especiais tanto no centro internacional de transmissões no Parque Olímpico, como no Rio de Janeiro. A edição marcou ainda a primeira transmissão olímpica exibida em alta definição ao público brasileiro.

Em Londres, nos Jogos de 2012, uma ausência histórica: pela primeira vez desde que começou a fazer, a TV Globo não transmitiu os Jogos Olímpicos. A licitação internacional feita pelo COI definiu a Rede Record como dona dos direitos de transmissão exclusivos do evento.

O canal carioca se limitou a cobrir o evento protocolarmente, muitas vezes usando fotos para não ser obrigado a creditar a concorrente. Em todos os seus programas jornalísticos, foi lido em tom editorial um quase pedido de desculpas pela limitação.

No *Globo Esporte*, Tiago Leifert, então apresentador da edição paulista do programa, disse que “não é obviamente o que a gente quer, sabemos que vocês estão acostumados a ver a Olimpíada aqui, mas dessa vez não vai dar”. Complementou, porém, que “em 2016 a gente volta”. Naquela altura, a transmissão dos Jogos no Rio de Janeiro já estava definida como compartilhada entre a própria Globo, a Record e a Band. Essa última já havia sido parceira global, tendo os direitos sublicenciados em Atenas e Pequim.

A Record, mesmo com a exclusividade, não chegou perto de repetir os números globais em edições anteriores do evento, conseguindo se destacar apenas nos instantes decisivos dos esportes coletivos. A emissora, entretanto, valorizou outros momentos, como o revezamento da tocha olímpica.

A apresentadora Mylena Ciribelli foi escolhida para representar o canal e conduzir a chama na Inglaterra poucos meses antes do início das competições.

O ciclo olímpico da Record incluiu também a Olimpíada de Inverno de Vancouver, em 2010. Foi a primeira grande transmissão do evento na televisão aberta do Brasil. A Globo acompanhava a versão gelada dos Jogos em reportagens desde 1980, mas jamais havia ousado exibir eventos ao vivo.

Em 2014, todavia, ao retomar os direitos, a emissora mostrou diversos eventos das disputas em Sochi ao vivo. Dois anos antes, já havia feito também uma cobertura mais generosa dos Jogos Paralímpicos, apesar de nesse caso não transmitir nenhuma competição em tempo real.

Atualmente, ao contar de novo com as Olimpíadas em seu cardápio, a Globo é detentora de todas as principais competições esportivas ao público brasileiro, com exceção dos Jogos Pan-Americanos, propriedade da Record desde Guadalajara 2011.

A rede televisiva da família Marinho, além dos Jogos Olímpicos de Verão e Inverno e da Paralimpíada, possui também os campeonatos mundiais dos principais esportes coletivos do país (a saber: futebol, vôlei e basquete) e de suas competições nacionais, respectivamente, Brasileirão, Superliga e Novo Basquete Brasil (NBB).

Igualmente são da Globo os direitos dos mundiais de atletismo e esportes aquáticos, do UFC e da Fórmula 1, além dos torneios internacionais mais grandiosos, como a Liga dos Campeões da Europa e a NBA.

Suas transmissões costumam se destacar pela busca em engajar a torcida. Em 2008, por exemplo, seu slogan foi “nosso esporte é torcer pelo Brasil”, enquanto para 2016 o mote vem sendo que “somos todos olímpicos”.

Isso corrobora a tese de uma das funções da televisão é “produzir laços sociais, levar a aprendizagem de atenções compartilhadas e ao estabelecimento de padrões sociais” (SANTAELLA, 2014, p. 192).

Para as transmissões no Rio de Janeiro, a Globo promete a sua maior estrutura em toda a história. A equipe da emissora brasileira será maior que a da estadunidense NBC, um feito inédito na história olímpica recente.

Esse é o ápice de uma ampla cobertura que vem sendo feita desde o momento em que a capital fluminense se tornou cidade olímpica, em 2 de outubro de 2009. Na ocasião, o anúncio da vitória derradeira sobre Madri foi transmitido ao vivo.

A influência do canal se expande ainda para questões além da televisão. Foi na Globo que os nomes dos mascotes, Vinicius e Tom, em homenagem aos músicos compositores da icônica *Garota de Ipanema*, se tornaram públicos após a votação popular.

Apesar de não haver confirmação oficial, o portal UOL, do grupo Folha, diz que a emissora também foi responsável pela elaboração da tabela de jogos de algumas das equipes do Brasil na Olimpíada.

De fato, as transmissões com maior potencial de audiência ficaram colocadas em horários mais nobres. No caso, o handebol feminino brasileiro, campeão mundial em 2013, jogará pelas manhãs, o basquete nas tardes e o vôlei, presente nas duas últimas finais olímpicas com ambos os gêneros, nas noites.

Nessa valorização da exibição dos Jogos, a chama olímpica vem ganhando papel de destaque. No acendimento realizado em Olímpia, na Grécia, o canal interrompeu os telejornais locais em todas as suas praças para mostrar ao vivo o ritual. O site NaTelinha classificou a exibição como um misto de “informação e emoção”. A chegada ao Brasil foi outro ponto extremamente destacado, merecendo inclusive a narração de Galvão Bueno – quando ela foi acesa em território grego, Luis Ernesto Lacombe foi o comandante da transmissão.

Essa tendência de ampliar do espaço do esporte decorre da necessidade do público em consumir eventos ao vivo, já que para outros gêneros, como a dramaturgia,



as transmissões sob demanda são cada vez mais populares. Segundo Dionísio (2014), a imprevisibilidade também é um grande trunfo desse tipo de evento:

O espetáculo desportivo também se diferencia de outro tipo de espetáculo pela sua espontaneidade: ao contrário de uma peça de teatro ou de uma ópera, no desporto não há atuações iguais. Os espectadores desejam a originalidade e o inusitado das performances dos artistas esportivos, esperando sempre que estes sejam capazes de, mais uma vez, os surpreender. (DIONÍSIO, 2014, p. 263)

### **O vendedor de emoções**

Carlos Eduardo Galvão Bueno, conhecido por milhões de brasileiros apenas pelos seus últimos sobrenomes, é o narrador mais popular do país, acompanhando há décadas todos os principais eventos esportivos, especialmente Copas do Mundo e Jogos Olímpicos.

Sua primeira grande narração para a TV Globo foi a final do Mundial de Clubes de 1981, em que o Flamengo venceu o Liverpool por 3 a 0.

Cresceu em popularidade perante o público, porém, nos anos 1990, embalado pelo acompanhamento de dois fatos que entraram para a história brasileira no intervalo de poucas semanas.

Foi por sua voz que o Brasil acompanhou o acidente fatal que tirou das pistas para sempre o tricampeão mundial de Fórmula 1 Ayrton Senna. Pouco depois, no mesmo ano de 1994, seus gritos acabaram por embalar a conquista do tetracampeonato mundial de futebol.

Sua imagem se tornou conhecida mundialmente graças a companhia sempre frequente de ídolos brasileiros. Em 94, acabou mostrado por TVs de todo o mundo, que desejavam exibir a reação de Pelé ao quarto título mundial da Seleção.

Mais recentemente, em 2014, se tornou alvo das câmeras por estar acompanhado de Ronaldo quando esse foi superado por Miroslav Klose, que durante a semifinal da Copa do Mundo (Alemanha 7, Brasil 1) passou o brasileiro e se tornou o maior artilheiro da história do torneio.

No Mundial anterior, realizado na África do Sul, o locutor sofreu com críticas populares massivas realizadas no Twitter. Uma grande campanha clamava por seu silêncio.

O momento de explosão do Cala boca Galvão no Twitter aconteceu durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo 2010, no dia 10 de junho do mesmo ano. O pedido ao locutor da Rede Globo, Galvão Bueno chegou, neste dia, aos assuntos mais populares do Twitter – Trending Topics – e foi repetido milhões de vezes pelos tuiteiros. (...)

Uma série de conteúdos foi produzida a partir da hashtag e as proporções alcançadas tornaram-se grandiosas. Chegou aos ouvidos de Galvão Bueno, que, num primeiro momento, mostrou-se irritado, recusando-se a dar entrevistas sobre o fato, mas depois, ao observar o crescimento da campanha, tratou de aderi-la com bom humor. (DESTEFFANI, POSSMOZER e MALINI, 2010, p. 5)

O episódio, encarado com leveza por Galvão, como descrito, não reduziu seu status. Em 2012, conforme relatado, a TV Globo não transmitiu os Jogos Olímpicos pela primeira vez em quatro décadas, mas nem por isso ele ficou distante de Londres.

Um programa especial foi criado no canal a cabo SporTV para que o narrador pudesse participar do evento mesmo sem estar oficialmente credenciado para isso.

A presença de Galvão se tornou sinônimo de relevância do evento, tendo sido ele escolhido até para atividades poucos peculiares, como a transmissão da queima de fogos na virada do milênio, ficando responsável pela contagem regressiva na transição entre 1999 e 2000.

Diante de um currículo tão extenso, Galvão destaca as transmissões olímpicas em sua trajetória. Na sua biografia lançada em 2015 (Fala, Galvão!), discorre em primeira pessoa em depoimentos dados ao jornalista Ingo Ostrovsky sobre o significado dos Jogos para ele:

Os Jogos Olímpicos são a grande festa do esporte mundial. Unem todos os povos com a filosofia dos anéis entrelaçados. Narrei sete edições. (...)

O chamado espírito olímpico é cheio de simbolismos. Fiz questão de pensar minha carreira não apenas como narrador de futebol, mas como locutor esportivo, apresentador de esportes. Isso porque sempre pratiquei muitos esportes, joguei em clube, na escola, na universidade. (...)

Em 2016, nos Jogos do Rio, quero estar firme no Brasil, transmitindo tudo de novo. (...) Estou me guardando para quando as Olimpíadas chegarem.

### **A chama entre nós**

Em 3 de maio, após passar pela já falada cerimônia padrão na cidade grega de Olímpia, a chama olímpica desembarcou no Brasil. Trazida pelo presidente do Comitê Organizador Carlos Arthur Nuzman, a lanterna apareceu ao público por volta das sete e meia da manhã, sendo esse momento transmitido ao vivo brevemente pela TV Globo dentro do telejornal *Bom Dia Brasil*.

Mais tarde, ao ser passada pela primeira vez para a tocha em solo brasileiro, num ritual ocorrido na rampa do Palácio do Planalto, a cobertura foi mais extensa. O *Mais Você* foi interrompido por quase trinta minutos para que Galvão Bueno, com o auxílio de Tande e Hortência, ex-atletas olímpicos dos selecionados de vôlei e basquete, respectivamente, narrasse os primeiros passos de seu revezamento na capital federal, a primeira cidade dentre as mais de trezentas a receber o festejo.

Como efeito comparativo, o boletim do *Bom Dia Brasil* que mostrou o desfecho da votação da admissibilidade do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff no Senado Federal ficou no ar de forma contínua por apenas cerca da metade desse período.

Na transmissão, o simbolismo foi exaltado muitas vezes. Hortência, por exemplo, mencionou, que “não é simplesmente carregar o fogo olímpico, mas sim os valores”, listando entre eles a amizade e a excelência. Galvão, que anunciou que também será um condutor, chegou a se emocionar:

A chama olímpica vai começar a caminhar, a correr pelo país. (...) Vai passar por todo o território brasileiro. (...)

Iremos acompanhar todo esse trajeto. (...) Da tocha olímpica, esse fogo sagrado, que representa as competições que começaram lá na Grécia Antiga, há 2972 anos. Aquelas Olimpíadas tinham o poder de parar as guerras no território grego. E continuam com essa mesma mensagem de inspiração até hoje.

A tocha vai ser conduzida por 12 mil pessoas nos 27 estados brasileiros, até que chegue ao Maracanã. (...) Vai iluminar atletas e equipes. Durante dezessete dias,

10500 atletas vão dar uma lição ao mundo inteiro, num momento de intolerância e ódio nas mais variadas regiões do planeta, vão mostrar que atletas das mais variadas etnias, religiões e classes sociais podem competir em paz.

Talvez seja... Talvez não, é com certeza a maior demonstração de paz possível. E que se repete a cada quatro anos. Não por acaso, o lema do COI é “celebre a humanidade”. Estaremos acompanhando o percurso da tocha olímpica, já que, afinal de contas, somos todos olímpicos. (Cobertura Globo – revezamento da tocha olímpica. 3 de maio de 2016)

### **Exibição contínua**

O revezamento da tocha olímpica pelo país vem sendo alvo de grande cobertura não somente em seu começo. É pauta diária garantida em todos os telejornais de rede. No *Jornal Nacional*, por exemplo, foi o único tema sem relação com o noticiário político a ganhar espaço em 12 de maio, dia em que a presidente Dilma Rousseff foi afastada do cargo e Michel Temer passou a exercer interinamente o cargo. Na ocasião, nem mesmo a previsão do tempo foi exibida.

Diversos profissionais globais, especialmente do jornalismo esportivo, estão tendo a honra de conduzir a chama olímpica. Glenda Kozlowski, Tadeu Schmidt, Sandra Annenberg, Marcos Uchôa, Carlos Gil e Alex Escobar foram alguns dos nomes escolhidos até o momento.

### **Ampliação dos direitos**

A TV Globo, dentro desse processo de aumento do espaço do esporte olímpico em sua programação, já possui garantida a exibição dos Jogos até 2032, num raro acordo de longo prazo estabelecido com o COI. Apenas a estadunidense NBC possui contrato similar. O anúncio oficial feito no ano passado mostra a relação histórica, quase que afetiva, que tenta ser passada:

O Grupo Globo terá os direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos até 2032, ano em que a parceria com o COI vai completar 60 anos.

É uma longa história juntos. (...) E, a cada quatro anos, os brasileiros passaram a se emocionar com o maior evento esportivo do mundo através da Globo. (...)

Torcemos juntos pelos brasileiros. E entre cada edição dos Jogos Olímpicos, sempre estivemos perto dos atletas brasileiros. (...)

Vem aí os Jogos de Inverno de Pyeongchang, na Coreia do Sul, em 2018, e de Pequim, em 2022. As Olimpíadas de Tóquio, em 2020, e ainda tem 2024, 28, 32. Essas sem sede definida.

Você não sabe onde os Jogos serão, mas sabe como vai torcer e se emocionar.

Para Thomas Bach, que preside o Comitê Olímpico Internacional, a Globo é digna de elogios. Em dezembro de 2015, ao acertar a renovação contratual, ele disse em nome do COI ao *Jornal Nacional* que "estamos muito felizes com essa cooperação de longo termo com a Globo, que é a empresa de mídia líder no Brasil. (...) Penso que é um acordo longo, que vai trazer benefícios mútuos".

O canal, além de detentor de direitos de exibição, gera imagens em algumas modalidades para as TVs de todo o mundo, como no vôlei de praia. Para o Rio 2016, o grupo, incluindo também os meios impresso e de rádio, se tornou parceiro comercial, podendo explorar a marca olímpica com os mesmos benefícios de patrocinadores, o que não deixa de representar um dilema ético.

Partimos do princípio que, no substrato dos grandes eventos esportivos, há uma complexa rede de fatores simbólicos que geram imagens e elas, ligadas à espetacularização inerente a esses eventos, criam uma teia contínua de imagens, tecida a partir de uma lógica de produção. (...)

O problema que se coloca, quando se propõe a discutir o jornalismo esportivo, é justamente o enfraquecimento do jornalismo no embate com o espetacularização do esporte. As emissoras de televisão, que ainda estão no centro dos grandes conglomerados de comunicação e entretenimento, assumiram a função expansionista e reguladora do esporte. Um dos problemas é a questão dos aspectos éticos envolvendo a cobertura jornalística, no caso das emissoras que são agentes da produção do espetáculo esportivo e, ao mesmo, atuam na sua cobertura jornalística. (CAMPOS, 2014, p. 9)

Há o entendimento, porém, de que o jornalismo tem princípios imutáveis independentemente da área de cobertura, como resumem os autores do *Manual do Jornalismo Esportivo* (2006):

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.13)

## **Considerações finais**

Apesar de não se tratar da mais confortável das situações, não é impossível a conciliação entre uma cobertura profissional e correta com o mútuo interesse comercial nela.

A prática causa danos, como a perda de independência editorial, mas não suplanta a essência da informação, cabendo ao profissional a união de interesses em prol do melhor resultado ao público.

Nesse contexto, o melhor antídoto para evitar que vícios surjam a partir dessas relações duplas é a pluralidade de meios. Quanto mais fontes acompanharem o mesmo fato, mais visões serão disponibilizadas ao acesso do consumidor para que a sua verdade seja formada, sem depender unicamente de uma edição monopolista.

Esse âmbito pode ser notabilizado especialmente em megaeventos, como na citada Copa do Mundo da África do Sul, em que a reação espontânea do público acabou por pautar até mesmo a mídia oficial, com uma corrente que acabou sendo positiva para ambos os lados. Não seria de se espantar caso uma ideia similar se propagasse durante a Olimpíada do Rio de Janeiro.

## **REFERÊNCIAS**

**Eventos e Coberturas.** Memória Globo. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas.htm>. Acesso em 27 mai. 2016.

DIONÍSIO, P. **Marketing Desportivo – o marketing da paixão.** Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2014.

OLIVEIRA, G. B. M. **Da emoção à interação: história das transmissões esportivas na televisão brasileira.** Natal: UFRN, 2015. Artigo publicado no Intercom.

SANTAELLA, L. **Linguagens na era da mobilidade líquida.** São Paulo: Paulus, 2014.

FREITAS, A. e BARRETO, M. **Almanaque Olímpico SporTV.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

COSTA, G. e ALMEIDA, P. I. **Globo prioriza vôlei e judô, e basquete masculino do Brasil jogará à tarde.** São Paulo: UOL, 2016. Disponível em <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/05/19/globo-prioriza-volei-e-judo-e-basquete-masculino-do-brasil-jogara-a-tarde.htm>. Acesso em 27 mai. 2016.

COLLI, E. **Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas.** São Paulo: Códex, 2004.

**Grupo Globo terá direitos de transmissão das Olimpíadas até 2032.** Jornal Nacional, 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/grupo-globo-tera-direitos-de-transmissao-das-olimpiadas-ate-2032.html>. Acesso em 27 mai. 2016.

HALL, M. **Empreendedorismo, urbanismo, interesses corporativos e megaeventos esportivos: a política de competitividade dentro dos resultados duros do neoliberalismo.** Malden, Estados Unidos: Blackwell Publishing, 2006.

BARBEIRO, H. e RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Contexto, 2006.

**Grupo Globo vai patrocinar Olimpíadas.** O Globo, 2014. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/grupo-globo-vai-patrocinar-olimpiadas-16525009>. Acesso em 27 mai. 2016.

OSTROVSKY, I. e BUENO, G. **Fala, Galvão!** Globo Editora, 2015.

**A tocha e a pira olímpicas.** Folha de São Paulo, 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fol/olimpiadas/tocha.htm>. Acesso em 28 mai. 2016.

CAMPOS, A. G. **O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos.** São Paulo: PUC, 2012. Artigo publicado no Intercom.

DESTEFFANI, M.; POSSMOZER, M. e MALINI, F. **O Fenômeno Cala Boca Galvão: o Poder de Mobilização das Hashtags na Rede.** Vitória: UFES, 2010. Artigo publicado no Intercom.